

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

XXIII

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPÍ-GUARANÍ
N. 2



SÃO PAULO, 1941

PLÍNIO AYROSA

Poemas brasílicos
do
Pe. Cristóvão Valente, S.J.

(Notas e tradução)

S. PAULO - 1941

NOTAS PRÉVIAS

A respeito do Pe. Cristóvão Valente, autor dos "Poemas Brasilicos" que ora anotamos e traduzimos, sabemos apenas que foi Teólogo da Companhia de Jesus (1) e que trabalhou, como Superior e Língua, na Residência do Espírito Santo, anexa ao Colégio da Baía (2). Sua vida deve ter corrido dos fins do século XVI aos começos do século XVII.

De sua obra, provavelmente anônima e dispersa, nada mais conhecemos, também, além destes quatro "poemas" versificados em tupí-guaraní e destinados, sem dúvida alguma, aos catecúmenos ameríndios daqueles afastados anos de catequese cristã.

O fato, entretanto, de ser Superior, Língua e Teólogo da Companhia, é prova suficiente e idônea de suas qualidades morais e de suas altas possibilidades de inteligência. Não seria preciso mais para apresentá-lo como conhecedor perfeito e honesto da língua

-
- 1) — *Poemas Brasilicos / Do Padre Christovão Valente, Theologo da Companhia de Jesus, / Emendados para os minimos cantarem / ao Santissimo nome de Jesus. In Catecismo Brasilico, ed. de 1898, facsimilar da 2.^a organizada pelo P^e. Bertholameu de Leam, em 1686.*
 - 2) — No "Catalogo dos P.P. e Irmãos da Prouincia do Brasil em Jan.ro de 600", publicado pelo Pe. Serafim Leite (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo I, Apêndice L, p. 578), encontra-se o nome do Pe. Cristóvão Valente entre os missionários que assistiam na "Aldea do Spū Santo", Residência "aneixa ao Collegio da Baya".

que foi geral na costa do Brasil e para considerá-lo merecedor do carinho e da admiração dos que estudam e prezam o idioma famoso de muitos de nossos antepassados.

Em relação à data da publicação desses seus "poemas" parece-nos possível fixá-la em 1618, pois tudo nos leva a crer que apareceram pela primeira vez impressos com o Catecismo Brasilico do Pe. Araujo, editado naquele ano (3).

3) — Catecismo/ Na Lingoa / Brasilica, no qual / se contem a svmma / da Doctrina Chris- / tã. Com tudo o que pertence aos / Mysterios de nossa sancta Fé / & bõs costumes. / Composto a modo de Dialogos por Padres / Doctos, & bons linguas da Compa- / nhia de Iesv. / Agora nouamente concertado, orde / nado, & acrescentado pelo Padre / Antonio d'Araujo Theologo, / & lingoa da mesma / Companhia. / Com as licenças necessarias. / (*Filete horizontal*) / Em Lisboa por Pedro Crasbeeck, año 1618: / A custa dos Padres do Brasil. /

4.º — XIV — 170 fôlhas.

Segundo Serafim Leite (*op. cit.* Tomo II, p. 560) este Catecismo foi "o primeiro impresso na lingua tupí." Dele existe, informa o mesmo autor, "magnífico exemplar, espelhado, na Biblioteca Nacional de Lisboa, secção de reservados." Inocência da Silva (*Dicionário Bibliográfico*, VIII, p. 80) descreve a obra mas não faz referência aos "Poemas Brasilicos". Vale Cabral (*Bibliografia das obras tanto impressas como manuscritas relativas à lingua Tupí ou Guaraní, também chamada Lingua Geral do Brasil, in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Tomo VII, de 1880, pp. 143 e segs.*) afirma que não conseguiu examinar a edição *princeps* do Catecismo e, por isso, dele dá indicações colhidas em Inocência. São dele estas palavras (*loc. cit.* p. 161): "Os exemplares desta edição são de ex-

Depois disso encontrámo-los na segunda edição do Catecismo, preparada pelo Pe. Bertholameu de Leam e publicada em 1686 (4); na obra de Ferdinand Denis — *Une fête brésilienne célébrée à*

cessiva variedade e ainda agora (1880) não pude ver algum. A Biblioteca Nacional de Lisboa possui um, o qual serviu para a descrição dada por Inocêncio da Silva, transcrevendo fielmente o seu título. O exemplar que se acha entre os livros reservados da referida Biblioteca, tem o n.º 4 e é solfado no formato de 4.º." Sommervogel (*Bibliothèque*, I, 507) também dá breve descrição do Catecismo.

- 4) — Catecismo / Brasilico / Da Doutrina Christãa, / Com o Ceremonial dos Sacramentos, & / mais actos Parochiaes. / Composto / Por Padres Doutos da Companhia de / Jesus, / Aperfeiçoado, & dado a luz / Pelo Padre Antonio de Araujo / da mesma Companhia. / Emendado nesta segunda impressãõ / Pelo P. Bertholameu de Leam / da mesma Companhia. / (*Vinheta*) / Lisboa. / Na Officina de Miguel Deslandes / (*Filete horizontal*) / M. DC. LXXXVI. / Com todas as licenças necessarias.

8.º 16 ff. prel. — 371 pp. num. — 4 ff. inum. onde vem a "Taboada na qual se contem os livros, & Dialogos deste Catecismo."

A propósito desta 2.ª edição diz Vale Cabral (*loc. e pp. cit.*): "As 16 ff. preliminares contem: *Poemas Brasilicos do Padre Christovam Valente, theologo da Companhia de Jesus, emendados para os mininos cantarem ao Santissimo nome de Jesus*; prefácio intitulado: *Aos Religiosos da Companhia de Jesus do Estado do Brasil; Advertencia sobre a orthographia (sic), & pronunciação deste Catecismo; Aprovações dos Padres Alexandre de Gusmão, Lourenço Cardoso e Simão de Oliveira, datadas do Colégio do Rio de Janeiro a 1 de janeiro de 1685; dous Pareceres dos P.P.*

Rouen em 1550 — editada em 1850 (5) e na terceira edição do mesmo Catecismo, feita em 1898, facsimilarmente, pelo benemérito Júlio Platzmann.

E' interessante notar, contudo, que no prefácio dedicado "Aos

Fr. Manuel de S. Thiago e Fr. Manuel de Sancto Athana-
zio, qualificadores do Sancto Oficio, datados de Lisboa a
11 e 16 de outubro de 1685; *Licenças do Santo Oficio, do
Ordinário e do Paço para a reimpressão do livro, datadas
a 16, 23 e 26 do mesmo mês e ano; e Erratas.*

No verso da folha de rosto do exemplar que aqui des-
crevo, que é o da Biblioteca Nacional, ocorre o seguinte de
letra manuscrita: *Pode correr este Liuro. Lx^a, 10 de mayo
de 1686 — Jeronimo Soares.* E mais abaixo: *Pode correr.
Lx^a 11 de maio de 1686 —Serrão.*

Como se vê, são duas licenças originais para que pu-
desse então o livro correr, sendo a primeira do Santo Ofi-
cio e a segunda do Ordinário. Ambas são escritas e assi-
nadas pelas próprias mãos dos dois censores literários.

E' a segunda edição emendada pelo Pe. Bartolomeu de
Leão, como reza o próprio título. Esta edição de 1686 é
tambem pouco comum. Dela igualmente possui a Biblio-
teca Fluminense um belo exemplar com as licenças manus-
critas e originais para correr a obra. Um exemplar pertencente à Biblioteca do célebre orientalista Langlés foi ven-
dido em Paris, em 1825, por 30 francos, como se vê do res-
pectivo catálogo sob n.º 227.

Sotwel (*Bib. Script. Soc. Jesv. Roma, 1676, p. 65*) diz
que esta obra fôra traduzida em várias línguas da América,
sem contudo declarar se tais versões foram publicadas."

- 5) — Une / Fête Brésilienne / célébré a Rouen en 1550 / suivie /
d'un fragment du XVI.^e siècle rouland sur la Théogonie /
des anciens peuples du Brésil / et des poésies en langue tu-

Religiosos da Companhia de Jesus do Estado do Brasil”, nas Aprovações, nos Pareceres e nas Licenças (do Santo Ofício, do Ordinário e do Paço), indispensáveis à reedição feita pelo Pe. B. de Leam, não há a menor referência aos “poemas” anexos ao Catecismo. Tal fato, que nos causa certa estranheza, deve ter fácil explicação; não atinamos de momento, porém, por que as tão meticolosas autoridades civis e eclesiásticas da época silenciaram sobre a anexação de poesias, escritas em tupí-guaraní, ao texto do Catecismo.

Demais, na própria folha de rosto tanto da 1.^a como da 2.^a edição, repleta de detalhes e de esclarecimentos bibliográficos, nem uma simples palavra se encontra sobre os versos do Pe. Cristóvão Valente (6).

Mas, seja como for, a verdade é que eles lá estão e que do precioso lugar que conquistaram não mais será razoável nem acon-

pique de Christovam Valente / par Ferdinand Denis / (*Vinheta com o retrato de Francisco II*) / A Paris / J. Teche-
ner, Libraire / Place de la Colouade du Louvre, n.º 20 /
(*traço horizontal*) / 1850. 8.º — 104 pp.

As poesias do P. Valente ocupam as pp. 98-102 e foram transcritas da 2.^a ed. do Catecismo já descrito, nota 4 deste trabalho.

- 6) — Catecismo / Brasilico / da Doutrina Christaã / publicado de novo / por / Julio Platzmann. / Edição facsimilar / (*Vinheta*) / Leipzig / B. G. Teubner / 1898.

18,5x12,5 — 16 ff. s. num. (Com a reprodução da folha de rosto da 2.^a ed. de 1686; *Poemas Brasilicos* do Pe. Christóvão Valente; *Aos Religiosos da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*; *Advertência sobre ortographia*; *Aprovações*; *Licenças e Erratas*) + 371 pp. num. + 9 pp. s. num. (com a *Taboada na qual se contem os Livros, & Dialogos deste Catecismo.*)

selhavel deslocá-los em edições futuras. Fazem parte já do Catecismo que, "à custa dos Padres do Brasil", foi dado à publicidade pelo Fe. Antônio de Araujo há mais de trezentos anos.

*

* *

Os "Poemas Brasíliacos", apesar da designação pomposa, não passam de simples orações cristãs, postas em versos correntios "para os mininos cantarem ao Santíssimo nome de Jesus". Rimados à feição portuguesa, sem preciosismos de linguagem e sem altas qualidades literárias, denunciam desde logo as intensões catequizadoras do seu autor.

Como documentos da primeira fase da cristianização do gentio Brasíliaco e como documentos linguísticos são, incontestavelmente, de grande valor.

A tradução que deles fizemos, baseada em rápidas anotações léxicas e gramaticais, é simples tentativa de interpretação do pensamento ingênuo e cristão de um dos poucos missionários que nos legaram versos escritos em tupí-guaraní da costa do Brasil.

*

* *

Na transcrição dos versos, e nos comentários, servimo-nos do sistema ortográfico atualmente em uso pela Cátedra de lingua tupí-guaraní de nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Extremamente simples e essencialmente fonético, parece-nos menos mau dentre os vários sugeridos aqui e no Paraguai. Com exceção do sinal *ch*, que sempre representa o som do grupo *ch* português em *chave*, *chefe*; de *g*, que corresponde a *gu* das palavras *guerra*, *guitarra* e a *g* de *gato*, *gula*; do *j* que vale *dj*; do *ñ* idêntico a *nh*; do *r* que é sempre brando, mesmo no início dos vocábulos; do *s*, que soa como *ss* e *ç* portugueses; do *h*, levemente aspirado e do *y*, que representa o *i* gutural característico do tupí, todos os demais equivalem, com pequenas variantes, às letras do alfabeto portu-

guês. A acentuação das palavras faz-se por meio do til ou do acento agudo; o primeiro, a indicar também a nazalidade da vogal à qual se superpõe e o segundo apenas a sílaba tônica. O som aberto do e ou o, raríssimo no tupí-guaraní, não tem indicação gráfica especial.

*
* *

Alguns dêstes "poemas" foram por nós estudados em artigos insertos na excelente Revista da Academia Paulista de Letras (7), mas, segundo pudemos apurar, são agora pela primeira vez integralmente traduzidos e publicados. Consequentemente, com o maior prazer receberemos quaisquer corrigendas e anotações de falhas que nos queiram comunicar os estudiosos da velha língua que Anchieta, Figueira e Montoya tanto enobreceram.

7) — Revista da Academia Paulista de Letras: Ano II, n.º 7 (12 de setembro de 1939), p. 31; Ano II, n.º 8 (12 de dezembro de 1939), p. 24 e Ano III, n.º 11. (12 de setembro de 1940) p. 36.

P O E M A S B R A S Í L I C O S
DO
PE. CRISTÓVÃO VALENTE, S. J.
TEÓLOGO DA COMPANHIA DE JESUS

(Os textos, transcritos em ortografia simplificada, são os que se encontram na 2.^a ed. do "Catecismo Brasílico", de 1686, reimpresso facsimilarmente, em 1898, por Júlio Platzmann.)

I

AO SANTÍSSIMO NOME DE JESUS.

(Transcrição integral)

- 1 — Jesú, moropysyroána,
- 2 — Jesú, tekó katú iára,
- 3 — Jesú, toryberekóára,
- 4 — Jesu, che posánga ymána
- 5 — Jesu, che remimotára.

- 6 — Paí Jesú, che posánga,
- 7 — Che pyá, che rekobé,
- 8 — Che peá umé iepé,
- 9 — Eporausubók che ánga,
- 10 — Tipyatā nde resé.

- 11 — Nde po guýripe che nónga
 12 — Nde morerekoár che ri,
 13 — Tosó che ánga iepí
 14 — Tekó katú monoónga
 15 — Nde rakypoéra rupí.
- 16 — Che pyá, che ánga eiár
 17 — Nde mbaéramo tauié:
 18 — Che moapysýk iepé,
 19 — Nde rausúba aipotár
 20 — Sausubipýra sosé.
- 21 — Osykyié nde suí
 22 — Añánga nde moabaetébo
 23 — Eiorí emosykyiébo,
 24 — Tosó umé óka rupí
 25 — Oré ánga monguébo.
- 26 — Nde pópe oré ánga rui,
 27 — Oré rerekoareté:
 28 — Oroierobiá nde resé,
 29 — Oré rekobé pukuí
 30 — Oré rausubá iepé.

NOTAS

1 — *Moropysyroána* compõe-se de *móro* + *pysyrō* + *ána*, isto é, do verbo *pysyrō*, auxiliar, amparar, salvar, feito absoluto pela anteposição de *móro* = *póro*, cujo sentido corresponde ao do verbo *andar* quando sugere reiteração, continuidade, etc. A partícula *ána*, peculiar do tupí-guaraní da costa do Brasil, corresponde de certa forma a *har*, *hára*, cujas variantes são: *sar*, *sára*, *ára*, *ha*, *a*. *Ána* ou *sána*, como *hára* e *sára*, são como que sufixos de participios nominais; indicam o executor da ação expressa pelo verbo.

Usados correntemente com transitivos, equivalem a *báe* (*va*, no tupí-guaraní moderno do Paraguai) dos verbos intransitivos. A formação *moropysyroána* dirá, portanto; o que anda salvando, aquele que exerce a função de salvar, o que tem hábito de salvar, o salvador.

2 — *Tekó*, como substantivo, significa: lei, regra, norma, estado, condição, modo de ser ou estar, vida, existência. *Tekó katú*, vida boa, existência perfeita, vida pura. *Iára*, ou *jára*, corresponde ao sentido de senhor, dono, possuidor. A frase toda — *tekó katú iára* — dirá: senhor da vida pura, dono da existência pura ou, elegantemente, bemaventurado. Claro está que consideramos *tekó-katú* e *iára* como nomes e, por isso, empregamos o genitivo, expresso em vernáculo.

3 — *Toryberecoára* compõe-se de *torýbe* + *rekó* + *ára*, isto é, de *torýbe* ou *torýba*, proveniente do verbo *orýb*, ser alegre, alegrar-se, com *t* fixo e com funções de substantivo, significando alegria, satisfação, etc.; de *rekó*, relativo de *tekó* (vide n.º 2) e de *ára*, redução de *hára*. Considerando-se *tekoára* como termo autônomo, a significar o tenedor, aquilo ou aquele que tem, contem ou retém alguma cousa (no caso presente *torýbe*), a expressão *toryberecoára* dirá: o que tem ou possui a alegria, o depositário da satisfação e, com maior largueza, a fonte da alegria, o manancial da felicidade.

4 — *Posánga* é uma das variantes de *pohã*, verbo que exprime a idéia de animar, tornar são, curar, remediar. Ocorrem, também, *poháng*, *posáng*, *moháng*. Como substantivo, com a breve final, significa: remédio, medicina, bálsamo, alívio, *Ymána*, de *ymã* + *ána*, diz: o que é antigo, vetusto, de outrora.

5 — *Remimotára*, forma relativa de *temimotára* em face do possessivo *che*, decompõe-se facilmente: *temí* = *tembi*, partícula prefixante das formações correspondentes ao participio passado

português, e *motár* = *potár* = *motára* = *potára*, desejar, querer, ambicionar.

6 — *Pai*, segundo Montoya, “é palavra de respeito, e por ela nomeiam os seus velhos, feiticeiros e pessoas graves; com o significado de pai, progenitor, corresponde a *hai*, mãe.” Sobre *posánga* vide n.º 4.

7 — O autor emprega *pyá* com o sentido de coração, tal como se dizia no tupí costeiro. Corretamente, porém, deveria ser *pyaá*. Aquela expressão indica as entranhas de modo geral, o estômago, os intestinos, etc. *Rekobé*, forma relativa do substantivo verbal *tekobé*, vida, existência.

8 — Este verso caracteriza-se pelo emprêgo do infinitivo do verbo transitivo *peá* e pela presença do pronome de primeira pessoa, como paciente, seguido do pronome excepcional de segunda, como agente. *Umé* correspondente à negativa *eýma*, é peculiar do tupí costeiro. O emprego de *iepe* é elegante e correto; correto gramaticalmente falando, e elegante porquê não deixa dúvida sobre quem deve exercer a ação indicada pelo verbo.

9 — *Eporausubók* ou, melhor, *eporausubór*, é o imperativo de *porausubór*, cuja forma guaraní é *poriahubór*, com *h* equivalente a *s*. Significa: ter compaixão, compadecer-se, etc. *Ánga*, da raiz *ā*, é a sombra, a visão, o vulto e, por extensão, o espírito, a consciência, a alma.

10 — Na palavra *tipyatā* devemos admitir *ti* como demonstrativo geral. Traduzimo-la pelo adjetivo participial — fortalecida — por ser mais conforme com o sentido da estrofe. *Resé* = *rehé*, por, por causa, com, etc. Vide Montoya, verbete *rehé*.

11 — *Guýbi*, *guýr* e *guý* são variantes do advérbio de lugar *guý*, sob, em baixo, sub. *Pe*, na expressão *guýripe*, é o loca-

tivo. *Nóngá* é o gerúndio de *nóng*, pôr, deitar, locar, colocar, situar.

12 — *Morerekoár* ou *porerekoár*, com *oa* formando ditongo, a rigor significa: o que agasalha, o agasalhador. Aquí, porém, deve ser traduzido por um verbo, e no futuro, por força do sentido geral das frases precedentes: tu agasalharás, guardarás, velarás, etc. *Che ri*, por mim; *ri* em lugar de *rehé* = *resé*.

13 — *Tosó*, 3.^a pessoa do permissivo do verbo *so* = *ho*, ir. *Iepí* ou *jepí*, advérbio, diz: sempre, de continuo, continuamente.

14 — *Monoónga* é o gerúndio de *monoóng*, reunir, ajuntar, coligir.

15 — *Takypoéra* é a forma tupí de *takykuér*, absoluto de *akykuér*, o lugar em que se esteve, o rastro, o vestígio dos pés, a pegada.

16 — *Eiár*, imperativo de *iár* ou *jar*, tomar, receber, aposar-se, estar unido, etc.

17 — O advérbio *mbaéramo* traduz-se: sendo assim, como, a ser assim, como se fosse. *Taú* é a visão, o fantasma, a emanação imperceptível aos olhos; *ié* = *jé*, exprime idéia de continuidade.

18 — Esta frase apresenta construção idêntica a do verso 8. *Moapysýk*, ou *moapysýg*, acalmar, aquietar, consolar.

19 — *Rausúba*, do verbo *sausúb* do tupí costeiro, é substantivo que se traduz por amor, carinho, ternura. A sua forma guaraní é *hayhúb*.

20 — *Sausubipýra* ou *hayhupýra* é o particípio de *sausúb* ou *hayhúb* formado com a partícula *pýra*. *Sosé* = *hosé*, sobre, acima, o que sobrepuja, o que excele.

21 — *Osykyié*, forma tupí do verbo *hykyié*, temer, recear, etc. *Suí* = *huí* = *guí*.

22 — *Moabaetébo* compõe-se de *mo* = *mbo* + *eté* + *bo*, significando, portanto: honrar, respeitar, venerar. A partícula *bo*, como se vê, é indicativa do gerúndio.

23 — *Eiori*, do tupí da costa, representa a segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *ur*, vir, chegar. *Emosykyiébo*, do verbo *mo* = *mbo* + *sykyié* = *hykyié*, no gerúndio indicado por *bo*.

24 — Vide ns. 8, 13 e 15. *Óka* = *óga* = *og*, a coberta, a cobertura, o resguardo, a casa, o pouso.

25 — No texto original encontra-se *monghuébo*, evidentemente para indicar que em *gue* contam-se duas sílabas, em lugar de uma, exigidas pela métrica. *Monghuébo* = *monguébo* = *monguér* + *bo*, isto é, *mō* + *ker* + *bo*, a fazer adormecer, a afrouxar, etc..

26 — *Ruí* é contração de *rurí* e infinitivo conjugado de *rur*, trazê-lo consigo.

27 — *Rerekoár*, particípio de *rekó* precedido de *re*, índice de relação.

28 — O índice pronominal de primeira pessoa do plural, exclusiva, no tupí da costa se apresenta correntemente sob esta forma — *oró*, *Ierobiá* = *jerobiá*, verbo reflexivo, significa: fiar-se, ter confiança.

29 — Vide n. 7. *Pukuí*, como advérbio diz: ao longo, durante, enquanto.

30 — O verbo *sausúb* = *hayhúb* é dos que admitem o *t*

inicial que se muda em *r, h, gu*. Procede daí o *r* que aparece em *rausubá*, precedido de *oré*. De *sausúb* ligado ao verbo *ár = a*, tomar, prender, etc., provem a forma *sausubá*, tomar amor, acari-nhar, agasalhar.

—
(Tradução literal)

Jesus, salvador!
Jesus, bemaventurado!
Jesus, fonte de alegria!
Jesus, meu remédio antigo!
Jesus, meu amado!

Pai Jesus, meu alívio,
Meu coração, minha vida,
Não me abandones tu!
Tem compaixão de minh'alma
Fortalecida por ti!

Pondo-me sob tuas mãos,
Tu velarás por mim...
Que vá minh'alma, de contínuo,
Felicidades coligindo
Ao longo de tuas pegadas!

Toma meu coração e meu ser
Como se fossem emanações de ti;
Consola-me!...
Teu carinho eu só desejo,
Amado sôbre todas as cousas.

Tendo receio de ti,
Respeitando-te o Satanaz,
Vem e faze com que, a temer-te,
Êle não vá pelas choupanas
Nossas almas a afrouxar.

Em tuas mãos está nossa alma,
Mestre nosso verdadeiro!
Temos confiança em ti...
Que através de nossa vida
Tu sempre nos agasalhes!...

II

A' VIRGEM SANTÍSSIMA MARIA MÃE DE DEUS, SENHORA NOSSA

(Transcrição integral.)

Mote.

- 1 — Tupã-sý angaturáma,
- 2 — Santa Maria che iára,
- 3 — Nde resá porausubára
- 4 — Che rekó katuãoáma
- 5 — Che ánga remiekára.

Glosa

- 6 — Ababykagoereýma,
- 7 — Karaibebé poaitára,
- 8 — Ybakpóra mborypára,
- 9 — Tekotebēsabeýma,
- 10 — Añánga momosembára.
- 11 — Eneĩ morerekoára,
- 12 — Ikó che ñeéng paáma
- 13 — Jesus robaké moáma,
- 14 — Tekó katú angagoára,
- 15 — Tupã-sý angaturáma.

- 16 — Ereikatú che peábo
- 17 — Añánga rekó suí:
- 18 — Che katuãoáma rí
- 19 — Eneĩ che mboguatábo
- 20 — Nde angaturáma rupí.

- 21 — Che iekyíme be kori
22 — Emokañẽ che raangára:
23 — Che ánga nde rausupára
24 — Erasó seroieupí,
25 — Santa Maria che iára.
- 26 — Abápe nde renoindára
27 — Osó teñé nde suí?
28 — Eñemosainā che rí:
29 — Moreausúba rerekoára
30 — Nde réra poáma iepí.
31 — Ybypóra aipó eí;
32 — Seyiñé nde rekasára,
33 — Apyába abé mombegoára
34 — Oimosāi tába rupí
35 — Nde resá porausubára.
- 36 — Otí koarasý oséma
37 — Nde berába robaké;
38 — Iasý-tatá kuépe é
39 — Iñemimí, nde koéma
40 — Ára rorý pabeté.
41 — Apyába deiteé
42 — Oýbamo nde moáma:
43 — Neí, neí epuáma
44 — Tereimeéng opabeñé
45 — Che rekó katuãoáma.
- 46 — Tupā Jesus nde membýra
47 — Oimoí supí mbaé,
48 — Iangaipábae deiteé
49 — Oseká eté nde poguýra
50 — Oiekosureymebé.

- 51 — Che angaipábo ramo abé
 52 — Aipousú eté eté che iára,
 53 — Iorí che pysyrôsára
 54 — Che moiekosúb iepé,
 55 — Che ánga remiekára.

NOTAS

1 — O composto *Tupã-sý* generalizou-se entre catequistas e catecúmenos como designativo da Virgem Maria, Mãe de Deus, por força da adoção da palavra *Tupã*, para denominar o Deus dos cristãos. *Angaturâma*, de *âng* + *katú* + *rã*, aparece em todos os Catecismos com o sentido de virtude, bondade, bemaventurança e, também, de bondoso, virtuoso, misericordioso, etc..

2 — *Iára*, de *ar*, tomá-lo e aquele que toma, que recebe. Ocorre na “Conquista Espiritual” geralmente com *y* equivalente ao nosso *j*; *ñandi-yára*, nosso senhor.

3 — *Porausubára*, neste caso, deve ser adjetivo participial em *har*, do verbo *póra* + *ayhúb*, que também encontramos sob a forma contrata *porayhúb*. O verbo *ayhúb*, ou *hayhúb*, no tupí da costa grafado pelos catequistas, aparece escrito *sausúb*, como se percebe nesta expressão. Devemos traduzi-la por amavel, amoroso, meigo, carinhoso.

4 — A expressão *katuãoâma* é de formação característica do tupí da costa, compõe-se, evidentemente, de *katú* + *ã* + *oã*.

5 — O verbo *ekár* significa buscar, procurar, desejar; o seu particípio passado em *temí* dirá, evidentemente, buscado, procurado, desejado. Aquí, porém, deve ser compreendido em sentido figurado, isto é, o desejo, o anseio, etc. A terminação *ára* não deve ser confundida com a do sufixo *hára*, pois é simples alongamento da sílaba final de *ekár*.

6 — E' interessante notar o uso desta formação pelo mesmo autor que, correntemente, se serve de *Santa Maria* e *Tupã-sý* para indicar a Virgem Maria. E' sem duvida criação dos catequistas que, por meio dela, quiseram traduzir a idéia de virgindade. Compõe-se de *abá* + *býg* + *kuér* + *eỹ*, isto é: *abá*, homem, pessoa, macho; *býg*, verbo que significa chegar, aproximar, tocar, cujo gerúndio se forma com a substituição do *g* final por *ka*; *kuér* = *nguér* = *guér*, índice de pretérito e *eỹ*, partícula de ablação ou negação, no tupí da costa com a nasal alongada, dando *eýma*. Tudo a dizer, sem muita precisão: *não tocada pelo homem, virgem*, etc..

7 — Corretamente dever-se-ia grafar *poãitára* pois a expressão é formada do verbo *moãi* — animar, alentar, dar vida — sufixado por *hára*, cujo *h* inicial, por eufonia, substituiu-se por *t*.

8 — A supressão de uma vogal (*a*, *e* ou *i*) entre o *k* e o *p* da palavra *ybakpóra* corre por conta, sem dúvida alguma, das necessidades da métrica. No poema n. IV aparece a forma *ybakyoára*, equivalente a esta. Vide verso n. 1 desse poema. *Mborypára* deve traduzir-se por alegradora, causadora da alegria, pois aí temos *mbo* + *orý* + *hár* que dá, regularmente, *mborypára*.

9 — Esta formação pode ser considerada como composta de *tekotebē* + *esá* + *beỹ*, isto é, de *tekotebē*, que tanto pode significar estar privado, carecer, necessitar, como aflito, preocupado, etc.; de *esá*, olhos, olhar e de *beỹ* (*be* seguido do negativo *eỹ*) equivalente a mais não, também não, etc. Com alguma largueza dir-se-á: sem olhares aflitos, tranquila, etc..

10 — A propósito de *añánga*, vide poema I, verso 22. *Momosembára* é a forma de participio em *har* do verbo *mosē*, precedido de *mo* = *mbo* = *po*, prefixo que torna transitivos os verbos intransitivos.

11 — *Eneĩ* é interjeição que corresponde a *eia! eia pois! dize tu!*, etc. *Morerekoára* = *porerekoára*, agasalhadora, protetora, etc.. Vide poema I, verso 12.

12 — *Ikó* aparece nos vocabulários do tupí costeiro como correspondente das expressões: êste, esta, isto, eis aquí, aquí está, eis que, etc.. *Paáma* é o verbo *paã*, engasgar-se, confundir-se, etc..

13 — *Robaké*, de *tobaké*, em frente, à face, diante, à frente. *Moáma*, de *moã* = *moám*, erguer, levantar, pôr de pé, pôr erguido.

14 — *Angagoára* = *angaguára*, de *ânga* + *guár*, com o sentido desta frase, parece, devera ter *be* ou *pe* regendo *guár*, o que é da alma, do espírito, espiritual, etc..

15 — Vide verso n. 1.

16 — Trata-se do verbo *ikatú*, ser possível, poder, etc.. *Peábo* é a forma gerundial de *peá*, afastar.

17 — *Añânga*, de *ã* + *ñã*, é o designativo do gênio do mal ou Diabo, segundo os catequistas cristãos. *Rekó*, de *tekó*, pode traduzir-se, aquí, por *presença*.

18 — *Ri* equivale a *rehé* = *resé*.

19 — *Mboquatábo*, de *mbo* + *guatá* + *bo*, fazendo andar, fazendo marchar, a fazer caminhadas, etc..

20 — *Angaturáma*, composição de *angatú* (*ã* + *katú*) e *rã*, é expressão das mais correntes nos velhos textos do período da catequese. Os seus significados gerais são: virtude, bondade, boa condição de alma, pureza, bemaventurança, etc..

21 — *Iekyíme* ou *jekyíme* é o verbo reflexivo que significa tirar-se, arrancar-se, sair de si, expirar.

22 — *Emokañē*, imperativo, 2.^a pessoa do singular, do verbo *mokañē* que, no tupi-guaraní paraguaio, enunciava-se *mokañý* ou *mokañỹ*, apagar, consumir, ilidir, extinguir, etc.. *Raangára* parece estar em sentido figurado com o valor de pecados, manchas, erros, etc.; no entretanto pode ser particípio em *har* de *aáng*, com o significado de marcador, medidor, julgador, etc..

23 — O verbo *sausúb* = *hayhúb* é dos que admitem *t* inicial permutável em *r*, *h*, *gu*. A forma *rausupára* lembra o particípio em *har*, isto é, amante, afeiçoada, veneradora, etc..

24 — *Rasó* é um dos verbos irregulares citados pelos velhos gramáticos, dentre os poucos começados por *r* e que se caracterizam por receber *gue* após o índice pronominal, na terceira pessoa. Em *seroieupí* está evidente a forma relativa *he* em face da preposição *ro* = *no*. *Ieupí* ou *jeupír*, elevar-se, erguer-se alevantar-se, etc..

25 — Vide verso 2.

26 — *Abápe* é o pronome adjetivo interrogativo, essencialmente pessoal: quem? qual? que pessoa? *Renoindára*, de *enoĩ* + *hár* (*t*, *r*, *h*, *gu*), apelar, chamar, nomear.

27 — *Teñé* no tupí da costa equivale a *teĩ*, de balde, largado, solto, etc..

28 — *Eñemosainā* é a 2.^a pessoa do singular do imperativo da forma reflexiva do verbo *mosainā* ou *moesaenā*, tornar alerta, alertar, pôr-se de sobreaviso, etc..

29 — Vide versos 16 e 21 do poema IV.

30 — *Poáma*, de *poā* = *puā*, erguer-se, levantar-se, alçar-se, etc..

31 — Os catequistas, segundo se verifica por seus escritos,

formaram as expressões *ybypóra* e *ybakipóra* para designar os habitantes da terra e os do ceu, isto é, os vivos, os pecadores e os bemaventurados, os que gozam as delícias do céu. Como *yby* vale terra, e *ybák* corresponde a ceu, não ha duvidas quanto ao sentido exato que devem ter nestes poemas.. *Ei*, no tupi da costa, tem geralmente o significado de vez, oportunidade, instante, etc..

32 — A expressão *seyiñé* é de difícil identificação. Parece-nos provir de *teyié*, *teyeyé* ou *teyeyé*, donde o verbo impessoal *heyí* ou *seyí* + *ñé*, afluir, confluír, etc..

33 — Vide poema III, verso 1. *Mombegoára*, ou *mombe-guára*, de *mombeú*, declarar, confessar, referir, etc..

34 — *Mosái*, também *moasái* e *moesái*, espalhar, estender, desdobrar.

35 — Vide verso 3.

36 — Por *koarasý oséma* deve entender-se a aurora, a alvorada.

37 — *Berába*, de *beráb*, brilhar, fulgir, resplandecer.

38 — *Iasý* ou *jasý* é designativo da lua; *iasý-tatá*, fogo ou luz da lua, é composto empregado para nomear as estrélas. *Kuépe* deve ser o advérbio que Figueira grafa — *québe*, em alguma parte.

39 — *Iñemimí*, forma frequentativa do verbo reflexivo *ñemí*, ocultar-se, esconder-se, etc.. *Koéma* pode ser o gerúndio de *koê*, amanhecer, começar o dia, dealbar, surgir, emergir, etc..

40 — *Ára rorý*, dia de alegria, tempo feliz. *Pabeté* deve ser composição de *pabē* + *eté*.

41 — *Deiteé* ou, melhor, *ndeiteé*, é advérbio que significa: assim, pois, por conseguinte, por isso, então.

42 — *Oýbamo*, sendo uma frase, diz: como seu chefe, tal como seu guia. Aliás *yb*, verbo, significa: erguer-se, elevar-se, pôr-se em pé, etc..

43 — *Epuáma*, imperativo de *puã*, levantar, alçar-se, etc..

44 — *Opabeñé*, ou *opabiñé*, como ocorre em alguns vocabulários, significa: todos juntos, conjuntamente, etc..

45 — Vide verso 4.

46 — *Membýra*, com o significado de filho, refere-se sempre à mãe, tal como *taýra* ao pai.

47 — *Supi* ou *hupi*, como adjetivo diz: exato, certo, verdadeiro. Como verbo equivale a ser certo, ser razoável, ser justo. Pode ainda funcionar como substantivo com o sentido de certeza, justiça, exatidão.

48 — *langaipábae*, os de alma ruim ou má, os pecadores.

49 — *Poguýra*, *po* + *guýr*, sob as mãos, sob proteção; auxílio, ajuda, etc..

50 — *Iekosú* ou *jekohú*, gozar, estar satisfeito, estar contente.

51 — *Angaipáb*, pecar, ter culpa, errar.

52 — *Pousú*, provavelmente de *pohú*, procurar, ir ter com, visitar, etc.. *Eté eté*, neste passo, tem força de um reiterativo.

53 — Vide poema III, verso 1 e poema, I, verso 1.

54 — *Mo-iekosú* ou *mo-jekosú*, fazer gozar, fazer estar alegre. Vide verso 50.

55 — Vide verso 5.

(Tradução literal)

Mote

Misericordiosa Mãe de Deus,
Santa Maria, Senhora minha,
Teus olhares carinhosos
São delícias de minha vida,
Desejada de minh'alma!

Glosa

Virgem,
Dos anjos alentadora,
Animadora dos bemaventurados,
Tranquila
Eliminadora do Demônio!
Eia, pois, protetora!
Aqui está a minha voz confusa
À face de Jesus a erguer-se;
Felicidade espiritual
Misericordiosa Mãe de Deus!

Possas tu ir me afastando
Da presença do Diabo,
Para que eu seja feliz.
Eis-me a vencer caminho
No rumo de tua bondade!
Logo mais, quando eu morrer,
Elide os meus pecados!
Minh'alma, de ti afeiçoada,
Fá-la com que se eleve,
Santa Maria, Senhora minha!

Qual dos teus recorrentes,
Parte desajudado de ti?!
Põe-te de sôbre-aviso por mim.
Fonte da caridade. . .
Teu nome seja sempre erguido,
Pelos pecadores, neste instante;
Confluem os que te buscam
E os varões também, que se confessam.
Multiplicam pela aldeia
Teus olhares carinhosos.

Envergonha-se a alvorada
Em face de teu fulgor;
As estrêlas, de outro lado,
Ocultam-se, a emergir de ti
Dias felizes para todos.
Os homens, por isso,
Erguem-se à tua aparição.
Eia, eia! levanta-te!
Para que dês a todos
As delícias de minha vida.

Deus Jesus, teu filho,
Dispõe as cousas com justiça
E, por isso, os pecadores
Buscam, em veradade, tua ajuda
Quando querem ser felizes.
Eu, também, quando peço,
Procuro ansioso minha Senhora...
Vem, minha salvadora,
Faze-me sempre feliz,
Desejada de minh'alma!

III

AO SANTO ANJO DA GUARDA

(Transcrição integral.)

Estrilho

- 1 — Peiorí, apyabetá,
- 2 — Oiepé tiaimoeté
- 3 — Iandé karaibebé.

Copla

- 4 — Che rarõána ybakyguára
- 5 — Karaibebé porânga,
- 6 — Eimboé katú che ânga,
- 7 — Toikuáb ybâka piâra.
- 8 — Che rûba, che rerekoára,
- 9 — Nde resé ño taguatá
- 10 — Eipeá che raangára,
- 11 — Peiorí, apyabetá,
- 12 — Oiepé tiaimoeté
- 13 — Iandé karaibebé.

- 14 — Tupã robaké eikóbo
- 15 — Che suí deresyryki,
- 16 — Nachemopyá tytyki
- 17 — Añânga che rapekóbo.
- 18 — Deité mochý osóbo
- 19 — Oatápe che reia
- 20 — Nde pó guýrpe che moingóbo
- 21 — Peiorí, apyabetá,
- 22 — Oiepé tiaimoeté
- 23 — Iandé karaibebé.

- 24 — Che irúnamo memé
 25 — Nde áme che rausubábo,
 26 — Daeikatúi ñemonguyábo
 27 — Tekó angaipába pupé.
 28 — Dotíi serā asé
 29 — Marā oikóbo ára iá
 30 — Oaroáma robaké,
 31 — Peiorí, apyabetá,
 32 — Oiepé tiaimoeté
 33 — Iandé karaibebé.

NOTAS

1 — *Peiorí* é a segunda pessoa do plural do imperativo de *ur*. Figueira e Montoya trazem-no conjugado para mostrar quão irregularmente se formam os modos e tempos; o primeiro a refletir as peculiaridades do tupí costeiro, e o segundo, mestre máximo da língua, a fixar a prosódia que, com alguns inconvenientes, se dirá guaraní. Ambos, entretanto, a sugerir divergências entre o falar da costa do Brasil e o das regiões interiores; divergências que lisamente se desfazem à luz de um rápido exame dos sistemas ortográficos adotados pelos dois grandes gramáticos. O caso deste verbo *ur* é frisante. Montoya conjuga-o, no imperativo, assim: *Eyó*, vem tu; *Toú*, venha êle; *Peyó*, vinde vós, *Toú*, venham eles, empregando *y* com valor de *ɟj* e elidindo o *r* final que aparece no infinitivo e nas formas negativas do indicativo — *ndayúri*, não venho, *ndoúri*, não vem, etc. Figueira emprega o *j* português com aquele mesmo valor fonético e conserva o *r* final: *Ejór*, vem tu; *Toúr*, venha êle, etc. Anchieta, aliás, em uma das primeiras páginas de sua “Arte”, deixou êste assunto completamente líquido. *Apyabetá* é o plural de *apyá* (*apyáb*). No texto aparece assim grafado, porém, com maior correção dever-se-ia escrever *apiá* (*apiáb*). Anchieta registra *apiába*, e assim também ocorre no “Vo-

cabulário na Língua Brasilica," de 1621. Ao par de outros sentidos atribuídos ao termo, o mais corrente é o de *macho, homem, varão*.

2 — *Oiepé*, como adjetivo numeral, é indicativo da unidade: junto, entretanto, a verbos no plural, corresponde às expressões: todos juntos, todos reunidos, todos em um ou a uma. É exatamente o caso dêste verso. *Tiaimoeté*, primeira pessoa do plural do modo permissivo do verbo transitivo *moeté*, é forma corretamente apresentada. Estão patentes os índices de modo, pessoa e transitividade, tal como o estão também os componentes do próprio verbo: *mo = mbo + eté*, isto é, fazer verdadeiro, tornar idôneo, honrar, venerar, adorar, etc..

3 — *Iandé (jandé)* é o possessivo inclusivo — de nós todos, oposto de *oré* — de nós outros, exclusivo. *Karaibebé* é palavra formada pelos catequistas para designar *anjo, anjo-da-guarda*, de *karaí*, cuja etimologia há de ser buscada fóra do âmbito do tupi-guaraní e, quiçá, fora da própria América, e do verbo *bebé*, voar, pairar, não raro empregado como adjetivo — volante, pairante. *Karaí*, entretanto, desde o início da catequese foi termo empregado para designar o branco colonizador, o cristão, os homens superiores no conceito ameríndio. É, por isso, comum encontrar-se nos textos antigos a expressão *karaieÿ* para designar o índio em geral, isto é, o homem não cristão, o pagão, etc. Hoje, na linguagem corrente do Paraguai, *karaí* e *kuñã-karaí* valem por *senhor e senhora*.

4 — *Tarō* é a forma genérica ou absoluta do verbo *arō*, guardar, proteger, cujo *t* inicial se substitue pelos índices de relação sempre que funcione como substantivo. O sufixo *ána*, equivalente a *hára* (Figueira, "Arte de Gramática," 114. ed. Allain), dando ao verbo o carater de nome, exige, em face do possessivo *che*, a mudança de *t* em *r*, isto é, *che rarōána*, meu guarda, meu protetor.

etc.. *Ybakjguára*, palavra composta de *ybáky* e *guára*, significa: morador do ceu, celeste, celestial. A grafia *ybáky* não nos parece correta, mesmo que se admita o *y* final como índice de terceira pessoa de *guára*, caso em que deveria ser *i*, isto é, *ybáki*. E' quasi certo que esse *y* aí apareça em lugar de *e*, não raro substituído por *i*, como se vê no Dicionário Brasileiro, *ybáke*. Anchieta anota *ybá*; o "Vocabulário na Língua Brasilica," dá *igbáca* e Stradelli (Vocabulário Nheengatú), *iuáca*.

5 — *Porã*, *poráng*, *poránga*, belo, formoso, saudavel.

6 — *Eimboé*, por *emboé* ou *e-mboé*, é a segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *mboé*, ensinar, adextrar, doutrinar. *Ánga*. de *ã*, na linguagem dos catequistas é apenas a alma, o espirito imortal.

7 — *Toikuáb*, cuja grafia correta deverá ser *toikuaáb*, como vem em Montoya e Batista Caetano, é terceira pessoa do permissivo de *kuaáb*, saber, entender, apontar, indicar, mostrar, etc.. *Ybáka piára* traduz-se por *caminho do céu*. Montoya registra *ybág-piára* e *ybagrapé*, com *g* médio, ao mesmo passo que Batista Caetano dá *ybarapé* e *ybabiára*. E' de notar-se, além disso, o modo pelo qual o autor grafa a primeira palavra desta expressão: *ybáka*; linhas acima havia escrito *ybáky*.

8 — *Rerekoára* ou *rerekuára*, substantivo participial em *hára*, de *rekó*, com o índice *re* em face do pronome *che*.

9 — *Nde resé*, para ti, em direção de ti, por amor de ti. Nos escritos dos jesuitas espanhóis ocorre sempre *rehé*. *Ño* ou *ñõ*, só, somente, apenas. *Taguatá*, primeira pessoa do singular do permissivo de *guatá*, andar, caminhar, seguir. No tupí da costa o advérbio *ñõ* aparece sempre sem a nasal final, e também sob a forma de *ñóte*.

10 — *Raangára* não é expressão que se interprete com facili-

dade. Se proveniente de *haã*, teria dado *haáng* e *haánga* no tupi costeiro, com os significados: prova, sinal, medida, retrato, semelhança. A terminação *ára*, porém, lembrando o sufixo *hára*, forçamos admitir *haã* como verbo e os significados: medir, provar, assinalar. É possível, por outro lado, tratar-se de palavra com sentido autônomo, independente do sentido decorrente da palavra e sufixo componentes. No "Tesoro" encontrâmo-la equivalendo a *tentação*, significado êsse que serve perfeitamente à interpretação do texto, e que adotamos, embora com as devidas reservas.

11 — 12 — 13 — Vide versos 1, 2, 3.

14 — *Eikóbo* é a segunda pessoa do singular do gerúndio de *ikó*, estar, existir.

15 — *Che suí*, de mim, é construção característica do tupi costeiro. No guaraní dir-se-ia *che heguí*. *Deresyrýki*, forma negativa da segunda pessoa do singular do verbo *syryk* ou *syryg*, diz: deslizar, afastar-se, arredar-se. O emprêgo de *de* em lugar de *nde* é frequente em certos casos, embora o mais geral seja *ne* por *nde*.

16 — O verso todo não passa da forma negativa do verbo composto *mopyatytyk*, tornar-se o coração palpitante, trêmulo.

17 — Sendo *rapekó* simples forma de relação de *apekó* ou, melhor, de *tapekó*, estar no caminho, frequentar, etc., não há razão que justifique a sua ligação como o possessivo *che*, tal como ocorre no texto original. *Añánga*, de *ã* + *ñã*, é o designativo do gênio do mal ou do Diabo, segundo os catequistas cristãos.

18 — *Deiteé* figura no capítulo — *De algumas partes da oração, que mandam os verbos ao gerúndio* — da "Arte de Gramática" do Pe. Figueira. Corresponde às expressões: por êsse motivo, por essa razão, em consequência disso, etc. *Mochý* é a

mesma palavra *pochý*. *Osóbo*, terceira pessoa do singular do gerúndio do verbo irregular só ou *hó*, ir.

19 — A expressão *oatápe*, conquanto possa prestar-se a confusões neste passo, deve ser considerada como decorrente do verbo *atá*, *guatá*, andar, vagar, passeiar, etc. *Reiá*, de *ar*, ou simplesmente de *á* com intercalação de *i* entre o radical e os índices pessoais, significa: colhêr, apanhar, agarrar, prender.

20 — *Guýr*, parte inferior, com a locativa *pe*, traduz-se: de-baixo, por baixo, em baixo, sob. *Moingóbo* é o gerúndio de *moingó*, estabelecer, permanecer, fazer ficar.

21 — 22 — 23 — Vide versos 1, 2, e 3.

24 — *Memé* significando — de contínuo, continuamente, sempre, etc., — a frase diz: comigo sempre.

25 — Sendo *ã* tomado com o sentido de sombra, *nde ãme*, dirá: á tua sombra. O *me* é a locativa *pe* em face do fonema nasal. *Rausubábo* é o gerúndio de *sausubá* ou *hauhúbá*, composto de *sausúb* + *ar* ou, com melhor grafia: *hayhúb* + *ar*.

26 — *Ñemonguý*, abaixar-se, sopezar, receber carga, etc.. *Daeikatúi* é uma das formas de negação de *ikatú*, ser possível.

27 — Dentre as numerosas expressões formadas pelos catequistas aparece esta — *tekó angaipába* — para designar — o pecado. Literalmente vale: o estar com a alma ruim, vida de maldade, etc..

28 — *Dotii* é a terceira pessoa do singular do verbo *tĩ* em sua forma negativa. *Serã*, ou *herã*, é partícula que serve de futuro, como *rã*, mormente quando se trata de futuro dubitativo. Corres-

ponde ao *será* do tupí amazônico. *Asé* equivale a *gente*, com valor do nosso *se* reflexivo.

29 — *Marã*, dêste modo, desta maneira, com isso ,dessa forma, etc. *Ára iá* traduz-se por — todos os dias, cada dia, diuturnamente. Para o perfeito entendimento da frase é necessário o acréscimo de um dos pronomes: o que, quem, o qual, etc.

30 — *Oarõ*, forma de relação recíproca de *arõ*, já analisado sob n. 4., seguido do sufixo *ána*.

—
(Tradução literal)

Estrilho

Vinde, varões!
Veneremos, reunidos,
O nosso Anjo-da-Guarda!

Copla

Meu protetor celeste,
Anjo-da-Guarda formoso,
Adextra bem a minh'alma
Para que ela me indique o rumo do céu!
Meu pai, meu mestre,
Para ti somente eu caminhe...
Afasta as minhas tentações!
Vinde, varões!
Veneremos, reunidos,
O nosso Anjo-da-Guarda!

Estando tu diante de Deus,
Não me deixes em abandono,
Não tornes meu coração precípite
Ao encontrar o Diabo em meu caminho!

E indo assim o perverso,
Ao avançar possas acolher-me,
Retendo-me sob tuas mãos.
Vinde, varões!
Veneremos, reunidos
O nosso Anjo-da-Guarda!

Tu sempre comigo,
Eu, á tua sombra a agasalhar-me,
Não é possível me rebaixe
Em vida pecaminosa . . .
Jamais se envergonhará
Quem assim viver, todos os dias,
Em face de seu protetor.
Vinde, varões!
Veneremos, reunidos,
O nosso Anjo-da-Guarda!

IV

DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

(Transcrição integral.)

Estrilho

- 1 — Myiapé ybakygoára,
- 2 — Apyabebé rembiú,
- 3 — Che ánga rekó pukú.

Copla.

- 4 — Che ambyasý posánga,
 - 5 — Che rekó tebē rupiára,
 - 6 — Esepiák che maraára,
 - 7 — Teresausubár che ánga.
 - 8 — Iorí che rekó moñánga,
 - 9 — Myiapé ybakygoára,
 - 10 — Apyabebé rembiú
 - 11 — Che ánga rekó pukú.
-
- 12 — Che ánga taygayba
 - 13 — Che ánga ierobiasába,
 - 14 — Ybipóra moesaimbába,
 - 15 — Ybakapóra roryba,
 - 16 — Moreausubára ýba,
 - 17 — Myiapé ybakygoára,
 - 18 — Apyabebé rembiú
 - 19 — Che ánga rekó pukú.

- 20 — Nde angaturáma rí
 21 — Eiorí che poreausubóka
 22 — Eipytybyrók che róka
 23 — Nde pytasába iepí
 24 — Taguatá ño nde rupí
 25 — Myiapé ybakygoára,
 26 — Apyabebé rembiú
 27 — Che ánga rekó pukú.
- 28 — Iangaturámbae supé
 29 — Myiapé tekobé iára:
 30 — IPOCHÝBAE TASÁRA
 31 — Teõ oguár oioupé:
 32 — Oiepé mbiú pupé
 33 — Pesepiák tekó parába?
 34 — Myiapé ybakygoára,
 35 — Apyabebé rembiú
 36 — Che ánga rekó pukú.

NOTAS

1 — *Myiapé* é uma das muitas variantes da palavra cujos étimos hão de ser encontrados em *mbiuapé*, ou em *mobojoyapé*, segundo Batista Caetano, Montoya quasi sempre fez uso de *mbujapé*, mas no tupí da costa eram correntes: *miapé* e *meapé*. E' interessante notar que Betendorf (Compêndio da Doutrina Cristã) e Padre Araujo (Catecismo Brasilico) empregam no "Padre Nosso" a palavra *tembiú* e, em outras orações: *miapé* ou *myiapé*. Na "Conquista Espiritual", de Montoya, aparece ainda a variante *mbiapé* e, no "Vocabulário", do mesmo autor, *moujapé*. A grafia aqui adotada — *myiapé* — não nos parece correta, pois nada encontramos que justifique, nessa formação, a presença do *y* especial da língua. De qualquer maneira, porém, a expressão significa: pão, bolo, alimento. Nos Catecismos, é claro, vale sempre pão, com o sentido

que tem no ritual da religião cristã. Conquanto nos velhos textos seja corrente êsse têrmo para indicar a hóstia consagrada, o pão da alma ,o corpo de Jesús, encontram-se também *mbejú robasapý* e a própria palavra *hóstia*. Diziam os catequistas: *Paí abaré, hóstia mbujapé rámo jepé; Jesú Cristo roó rehé oimundá*, isto é: ainda que a hóstia seja pão, o sacerdote a transmuda em sangue de Cristo. *Ybakygoâra*, que se compõe de *ybáky* e *goâra*, traduz-se por celestial, divino, celesste, ou, mais à letra dos étimos: morador do céu, habitante do alto, etc.. Como já fizemos notar, a grafia *ybáky* é incorreta, porque o *y* final não pode ter aí emprêgo. Se equivallesse ao índice de 3.^a pessoa de *goâra*, deveria ser substituído por *i*: *iguára, igoâra*. Em Anchieta ocorre, *ybá*, céu; no "Vocabulário na Língua Brasilica" vem *igbáca*; Stradelli registra *iuáca*; o "Dicionário Brasileiro", de Frei Onofre, dá *ybáke*.

2 — Há apenas a notar, neste verso, já que *rembiú*, de *tembiú*, não oferece dificuldade alguma de interpretação, a formação *apyabebé*. Em face da outra expressão — *karaibebé* — empregada em várias produções pelos catequistas, com o mesmo sentido, é lícito perguntar-se por que o Padre Valente tê-la-ia preferido à segunda? E por que teria escrito *apyà*, com a inicial, se tudo leva a crer que quisesse escrever *pyá*, forma carinhosa com a qual costumavam os tupí-guaraní designar as crianças? *Apyábebé* e *karaibebé*, como neologismos criados pelos catequistas para traduzir a idéia de anjo, do seu ponto de vista deveriam ser equivalentes.

3 — De várias maneiras pode ser interpretado êste verso, desde que se atribua a *rekó*, relativo de *tekó*, os sentidos diversos que admite nas frases. Vê-se, contudo, que em nosso caso está não só a funcionar como substantivo em estado de possessão referente a *che ánga*, como também a indicar modo e condição de ser ou estar. Sendo assim, e interpretado em conjunto com *pukú*, obteremos, de maneira tanto ou quanto figurada: prolongamento, alongamento, subsistência, etc.. Mais claro teria sido o autor se

houvesse expresso seu pensamento através da formação *tekopukú*, a exemplo do que se faz sempre que uma idéia se conforma melhor com o sentido do composto, embora com sacrifício dos sentidos res- tritos dos componentes.

4 — *Che ambyasý posánga*. Sem auxílio do “Dicionário Brasileiro” dificilmente chegaríamos a interpretar precisamente êste verso. À palavra *ambyasý*, pela sua aparente composição e de acôrdo com os vocabulários comuns, teríamos dado tradução muito diversa da que em verdade deve ter. Por felicidade encontramos naquêle dicionário o verbo *che ambyasý* ou, melhor, o substantivo *ambyasý* verbalizado pela presença do pronome *che*. Lá se diz: *che ambyasý* — fome, ter, estar esfomeado, ter o estômago vazio. Conhecido o critério do dicionarista na organização da nominata dos verbos tupís, facil é perceber-se que aquelas expressões decor- rem dos possessivos: *fome de mim, minha fome*. O pronome ali presente é simples indicador da maneira pela qual se há de conju- gar o substantivo *ambyasý*, quando tomado como verbo. Claro está que a palavra *fome*, neste caso, deve ser entendida com sentido figurado ,isto é, correspondendo à *angústia, tortura, aflição*. Da mesma maneira o têrmo *posánga*, que correntemente se traduz por medicina, remédio, aquí vale: alívio, bálsamo, consôlo, etc..

5 — *Che rekó tebẽ rupiâra*. Dois pequenos detalhes orto- gráficos podem entrar a interpretação dêste verso: primeiro, a separação de *rekó* e *tebẽ* e, segundo, a falta do sinal de nasalização do primeiro e de *tebẽ*. Poder-se-ia, em verdade, prever essa na- salização pela ocorrência da sílaba nasal final, mas como o autor nem sempre segue essa regra gramatical, a falta do sinal é evi- dente. Não se trata aquí de *rekó* e de *tebẽ* isolados, porém de *rekótẽbẽ*, relativo de *tekotẽbẽ*, que significa, como substantivo: miséria, mal, privação, necessidade, etc. *Rupiâra* traduz-se geral- mente por danoso, inimigo, hostil, contrário. Preferimos o têrmo

inimigo, já usado, aliás, por Batista Caetano, na tradução da “Conquista Espiritual”.

6 — *Esepiák che maráara*. Sem auxílio dos vocabulários que refletem os modismos do tupí da costa, não seria fácil apreender o sentido de *epiák* e, menos, justificar o aparecimento daquelas após o índice inicial de imperativo. De fato, segundo se lê nos dicionários comuns, a forma tupí do verbo *ver* era *epiág*, de *tepiág*, correspondente a *echág*, de *techág*, dos guaranis. O próprio Batista Caetano, que à pág. 100 do 2.º fascículo da revista “Ensaio de Ciência”, publicado em 1876, vira no topônimo *Paranapiacaba* os étimos *pará*, *repiák* e *hába*, e admitira a mudança de *ré* em *na* para concluir que essa formação equivale a *maris conspectum*, mais tarde disse no seu conhecido Vocabulário: “se o nome fôsse de serra do Paraguai parece que não procederia esta interpretação, porque ali não usavam do verbo *epiág*”. O “Dicionário Brasileiro” consigna, todavia, o verbo *cepiák*, com o significado de ver, enxergar, etc.. Não ha dúvidas, por isso, sobre a sua forma ou sentido. *Maraára*, que também apresenta a terminação característica do tupí antigo, como expressão correlata de *marā* e de *maraá*, há de significar, aqui, desfalecimento, doença, agonia, etc..

7 — *Teresausubár che ánga*. Postos à margem a preposição de permissivo e o pronome de segunda pessoa, que aparecem em *tere*, o verbo *sausubár* está evidente, composto como é de *sausúb* e *ár*. Com o sentido de agasalhar, receber, proteger, etc., já o examinámos em estudos anteriores. *Sausúb* é simples forma tupí de *ayhúb*, ou de *hayhúb*, com o *h* inicial indicador de transitividade, no guaraní.

9, 10 e 11 — Vide versos 1, 2 e 3.

12 — *Che ánga taygaýba*. O texto do “Catecismo Brasílico” traz tremados os dois primeiros *aa* de *taygaýba*, a denunciar,

por certo, que não formam ditongo com o *y* que se lhes segue; apesar disso, porém, o uso da expressão oferece sérias dificuldades à interpretação do verso. Atendendo mesmo à ocorrência dos hiatos, não encontramos de pronto esclarecimentos suficientes nos léxicos mais minuciosos. Achamos em Batista Caetano e em Montoya, por exemplo, as expressões: *taygaïb*, *taybaï*, *tayibae*, todas possivelmente correlatas, mas nenhuma concordante com a grafia de *taygaýba*, mesmo que se considere o *a* final como simples fonema de alongamento, e que se suponha o *g* medial como simples separador de *y* e *a*. O segundo *y* aparecerá ali por engano? E' o que supomos, e a reforçar tal suposição encontramos no "Dicionário Brasileiro" o verbo *taigáb* (*che taigaiïb*) com significados que se adaptam à ideia geral do poemeto. E' verdade que em *taigaiïb* não vêm os *yy*, mas em face das irregularidades ortográficas desse dicionário, semelhante fato é de somenos. Demais, pensamos que a grafia corrente do termo deve ser *taygaïb*, como anota Batista Caetano, e que os seus significados são: ativo, deligente, fervoroso, prestimoso. Mas, admitida essa forma, o *t* não variará em face de *che ánga*? Montoya, quando cita casos de aplicação de *taybaï*, diz: "*che raybaï*, sou fervoroso, deligente", pondo em evidência a permuta do *t* por *r*. Parece-nos, entretanto, possível admitir-se que *taygaïb*, com o sentido de fêrvido, deligente, etc., nem sempre se sujeita à permuta dos índices. Batista Caetano informa ainda, por intermédio de seu "Vocabulário": "não sei diferenciar *che taybaï*, sou fêrvido, de *che raybaï*, sou brioso, e *mbo-aybaï* de *mbo-taybaï*; creio que será a mesma coisa que se dá em *takú* e *akú*, quente, porém mais difícil de determinar". O *a* final pode, além disso, indicar um substantivo verbal, a exemplo do que se dá com *tur* e *túra*, *pab* e *pába*, etc..

13 — Duas modalidades de sentido apresentam-se em relação ao verbo *ierobiâr*, do qual provém, sem dúvida, o substantivo *ierobiasába*: a primeira anotada pelos dicionários de feitio guaraní

e, a segunda, pelos que refletem as modalidades do tupí costeiro. Preferimos, claro está, a informação dêstes, pois os "poemas" do Padre Valente são todos vazados ao geito da fala que, segundo Anchieta, era "a mais usada na costa do Brasil".

14 — A expressão *moesaimbába* presta-se a várias interpretações; nós a entendemos supondo a composição seguinte: *mo-esáy-yn-bába*, isto é, *mo* ou *mbo*, fazer; *esáy*, lágrimas; *yn*, sem, e *báb* por *páb* após nasal, acabar, dar fim, terminar. Procurando interpretação para o conjunto dessas palavras, encontraremos: dar cabo às lágrimas, secar as lágrimas, consolar, etc. Como substantivo exprimirá: bálsamo, sossêgo, confôrto. *Ybypóra* é o designativo dos que estão ou vivem na terra, dos terrenos, dos viventes ou, segundo a terminologia cristã, dos pecadores.

15 — Esta frase completa, por antítese, o sentido da anterior. Naquela encontramos *ybypóra*, habitantes da terra, e, nesta, *ybákapóra* — habitantes do céu. A respeito da forma *ybáka* já dissemos o suficiente, para a sua boa compreensão, ao comentar os versos 4 e 7 do segundo poemeto dêste mesmo autor. *Rorýba*, de *torýb*, com funções de substantivo tem o significado de alegria, satisfação, delícia, etc.. Se atribuirmos a *ybakapóra* o sentido com que aparece nas orações do "Catecismo", isto é, de bemaventurados, o verso dirá: delícia dos venturosos, alegria dos bemaventurados.

16 — O "Dicionário Brasileiro" registra *moreausubóra*. Tendo-se em vista, porém, que de *sausúb* provêm *sausubár*, nada obstará à formação *moreausubára*. O correspondente desta expressão, em guaraní, é o adjetivo *poriahubór*. A palavra *yba* não está, neste passo, com os sentidos genéricos conhecidos; equivale, figuradamente, a guia, apôio, arrimo.

17, 18 e 19 — Vide versos 1, 2 e 3.

20 — *Nde angaturáma ri.* *Ri* é partícula de ablativo, que se põe sempre aos pronomes, ensina Restivo; equivale a *rehé* do guaraní, e a *resé* do tupí da costa. *Angaturáma*, evidente composição de *angatú* e *rā*, é expressão das mais correntes nos velhos textos do período da catequese. Os seus significados gerais são: virtude, bondade, boa condição de alma, pureza, bemaventurança.

21 — É interessante notar, neste verso, a presença da forma *eiori* (2.^a pessoa singular do imperativo do verbo *ur*) em face de *iori*, que encontramos no verso 8. Como tivemos ocasião de mostrar, constam de Figueira as modalidades: *iori*, *ejór* e *ejori*. *Poreausubóka*, de *poreausubók*, com funções de substantivo exprime: sofrimento, padecimento, angústia, pobreza, etc..

22 — *Eipytybyrók che róka.* Batista Caetano não registra o verbo *pytybyrók* em seu "Vocabulário"; Montoya, no "Tesoro", anota-o sob a forma de *pytybyró*. Curioso, entretanto, é que a idéia expressa por êle decorra do sentido de *tubý* — pó, poeira — e que signifique, de modo geral, sacudir o pó, tirar a poeira, limpar, etc.. No verbete *tubý*, dá Montoya os seguintes exemplos elucidadores: *che pytubý guitekóbo*, ando cheio de pó, vivo empoeirado; *aitubyróg*, sacudir o pó; *aipytybyropá héra hábo*, varrê-lo, etc.. No segundo exemplo não aparece *py*, fato êsse que nos leva a supôr duas variantes verbais: *tubýr* e *pytubýr*, ou *tubyróg* e *pytubyróg*, com significações correlatas. Quando ainda se verifica que *pytú* vale: sopro, corrente de ar, bafo; que *pyg* exprime soprar, assoprar; que *tybý* guarda relações com *yby*, terra, e que *og* é um verbo de ablação — tirar, elidir, apagar, arrancar — não é de estranhar-se a existência de pontos de contacto íntimo entre tais palavras. Neste caso, todavia, interessa apenas verificar que *pytybyrók* traduz-se por sacudir, varrer, limpar. Concordante com o verbo anterior — *eiori* — apresenta-se êste, também, no imperativo.

23 — Este verso não oferece dificuldade alguma de interpretação. *Pytasába* é a forma tupí, como está a *ver-se*, de *pytahába*, participio ou substantivo participial do verbo *pytá*, ficar, pousar, etc..

24 — *Taguatá* é o permissivo de *guatá*, e *ño* é o mesmo *ñon* ou *ñonte* do guaraní.

25, 26 e 27 — Vide versos, 1, 2 e 3.

28 — A terminação *bae*, de *iangaturám*, está no texto com acento tônico no *e*; é engano, porquê essa partícula, pospositiva de participio ativo, é átona. Dela provém o sufixo *va* do guaraní moderno. *Supé* é forma tupí de *hupé*.

29 — O *t* inicial de *tekobé*, em presença de *myiapé*, indicamos, claramente, que não se verifica entre essas palavras a relação de genitivo. Sendo assim, a tradução *far-se-á* com facilidade, bastando que se restabeleça a pontuação, provavelmente existente nos originais do Padre Valente, de modo a ficar explícito o sentido do verso.

30 — A mesma observação que fizemos sobre a acentuação de *bae*, em *iangaturámbae*, do verso 28, devemos repetir aqui; no texto do "Catecismo" o *bae*, de *ipochýbae*, traz também acento no *e* final. A tônica dessa palavra encontra-se logicamente no *y* medial. *Tasára* parece-nos forma participial de *tar*, isto é, *tar* + *hára*, *tahára*, ou *tasára*, segundo a grafia característica do tupí costeiro. *Tar*, por outro lado, pode ser a primeira determinação de *ar*, tomar, colher, receber. Ressalvando a possibilidade de melhor interpretação, conseqüente a novo sentido que se possa atribuir a *tasára*, pensamos que êste verso, diretamente ligado ao que se lhe segue, diz: os tomadores do mau; os que aos maus dão acolhida; aqueles que o mal acolhem, etc..

31 — *Teõ oguár oioupé*. A relação entre êste verso e o anterior não só é patente pelo sentido do “poema” como também pela presença de *oguár*, 3.^a pessoa do verbo transitivo *ar*, que se traduz por: êle o acolhe. No nosso caso: ela, a morte, os tome, os acolha, a êles — *ipochýbae tasára*. *Oioupé* não pode deixar de ser variante gráfica de *ojoupé*, frase que exprime: uns para com outros, uns aos outros, entre si, etc.. Parece-nos, entretanto, ser bem razoável supôr que o autor houvesse escrito *oioupé*, e não *oioupé*. A simples permuta do *o*, que vem no texto impresso, por *e*, em verdade facilitaria extraordinariamente a compreensão dêste verso. No caso de *oioupé*, teremos: a morte os tome para si. Como é evidente, muito mais expressivo e concordante como sentido geral do “poema”.

32 — Notando-se que *mbiú*, aquí em estado de não possessão, é a mesma expressão *tembiú*, que muda o *t* em *r*, *h* e *gu* em face de pronomes e na relação de genitivo, nada apresenta êste verso capaz de dificultar a tradução. A ordem direta, apenas, de exposição do pensamento, seria a que fizesse o verso 33 preceder a êste.

33 — O autor não emprega, nesta frase interrogativa, a partícula *pa* (*pe*) peculiar ás interrogações. Além disso, dirige a pergunta final a um possível auditório, usando do índice pronominal de 2.^a pessoa do plural. Para mais facil entendimento dêste verso acrescentamos, na tradução, o advérbio *ainda*, que nos parece indispensável.

34, 35 e 36 — Vide versos 1, 2 e 3.

—
(Tradução literal)

Estrilho

Pão celestial,
Dos anjos alimento,
Subsistência de minh'alma!

Copla.

Consôlo de minha angústia,
Inimigo de meus males,
Vê tu minha agonia
Para que minh'alma agasalhes!
Ao meu ser vem dar alento,
Pão celestial,
Dos anjos alimento,
Subsistência de minh'alma!

De minh'alma deligência,
De minh'alma consolação,
Bálsamo de pecadores,
Delícia dos venturosos,
Arrimo dos desgraçados,
Pão celestial,
Dos anjos alimento,
Subsistência de minh'alma!

Pela tua bemaventurança,
Vem, e meu sofrimento
Expulsa de meu lar,
Teu pouso de sempre,
Para que eu possa viver só por ti,
Pão celestial,
Dos anjos alimento,
Subsistência de minh'alma!

Aos que são justos,
Tu, pão! essência da vida!
Os que aceitam o que é mau
A morte os tome para si...
E no alimento que é um apenas
Vêdes ainda variedade?
Pão celestial,
Dos anjos alimento,
Subsistência de minh'alma!

* * *

*

ÍNDICE

Notas prévias	5
Poema I — <i>Ao Santíssimo nome de Jesus</i>	13
Poema II — <i>A' Virgem Santíssima Maria Mãe de Deus</i>	21
Poema III — <i>Ao Santo Anjo-da-Guarda</i>	31
Poema IV — <i>Do Santíssimo Sacramento da Eucaristia</i>	39

Este livro foi composto e impresso
nas oficinas de José Magalhães,
R. Quirino de Andrade, 59-67
São Paulo — 1941

